

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

169

INSCRIÇÕES 654-656



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



O GRAFITO *MVSA* EM CERÂMICA ROMANA DE S.  
MIGUEL, ODEMIRA

No âmbito da campanha de escavações levadas a cabo no local da Ermida de S. Miguel (S. Miguel, freguesia de S. Teotónio, concelho de Odemira; Endovélico CNS33502), foi encontrado, em Fevereiro de 2015, o fundo de um prato de *terra sigillata* hispânica com um grafito (FIG. 1). O recipiente enquadra-se<sup>1</sup> na forma Drag. 18, modelo produzido após 50 d. C. e que desaparece genericamente no decurso da centúria seguinte<sup>2</sup> (ainda que outros autores<sup>3</sup> admitam que perdurou no séc. III, pese ausência de corroboração estratigráfica conhecida<sup>4</sup>). Embora a falta do

---

<sup>1</sup> Os AA agradecem a Carolina Grilo pela classificação da peça cerâmica.

<sup>2</sup> MAYET (Françoise), *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Peninsule Ibérique sous l'Empire romain*, Paris, 1984, Ed. De Boccard (Publications du Centre Pierre Paris, 12; Collection de la Maison des Pays Ibériques, 21), p. 72.

<sup>3</sup> MEZQUÍRIZ (María de los Ángeles), *Terra Sigillata Hispánica*, Valencia, 1961, The William Bryant Foundation, p. 58.

<sup>4</sup> BUSTAMANTE ÁLVAREZ (Macarena), *Terra Sigillata Hispánica en Augusta Emerita. Valoración tipocronológica de los vertederos del subur-*

bordo não permita uma aferição cronológica mais precisa, a parede carenada ligeiramente encurvada do exemplar em questão (FIG. 2), parece permitir situá-lo entre a época flávia e os inícios do séc. II d. C., à semelhança de exemplares de Mérida<sup>5</sup>. Encontra-se guardado actualmente (2018) no depósito de arqueologia da Câmara Municipal de Odemira, com o número de inventário MIG14.204.01.

Parcialmente preservado sob um nível de ocupação medieval de período islâmico (séc. X-XI) e sob a ruína da ermida quinhentista — cuja insólita demolição, em 2004, desencadeou a intervenção de escavação arqueológica em área que, finalmente, se realizou de Dezembro de 2014 a Maio seguinte —, o sítio romano de S. Miguel situa-se na encosta suave sobre a margem direita do paleo-estuário da Ribeira (antigo rio) de Odeceixe, a 4 km da sua foz no oceano. Enquadra-se, como outros estabelecimentos fluviais coevos situados no interior de estuários do Sudoeste português (ex. Odemira ou Aljezur), em ponto que se presume ter sido directamente acessível a navegação marítima, pelo “mar interior” do canal estuarino. S. Miguel está ainda junto do nó de vadeação do rio na velha estrada norte-sul paralela à costa.

Na primeira ocupação de S. Miguel em época romana, foi erigido um edifício com dimensões superiores a 5 metros, de planta tendencialmente ortogonal, estruturado em vários compartimentos alongados e/ou um corredor de circulação comprido, que foram encontrados sob as fundações da parede sul da capela-mor da ermida. A peça com o grafito foi recuperada na decapagem do estrato [204], que é um depósito de sedimento escuro. Corresponde ao nível de colmatação, após abandono, desse primeiro edifício de época romana construído no local. Foram encontrados, no mesmo estrato [204], fragmentos de campaniense B, de cerâmica cinzenta brunida de produção local/regional, de *t. s.* sudgálica e hispânica

---

*bio norte*, Mérida, 2013, CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología, LXV), p. 277.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, Lámina 106, n<sup>os</sup> 4 e 5 e Lámina 107 n<sup>o</sup> 1 e 4-6.

lisa e decorada, de cerâmica de paredes finas, de ânforas produzidas na Andaluzia meridional. Foram também recolhidos no mesmo nível vestígios de actividades paleo-siderúrgicas (escórias de redução e forja) e elementos de fauna mamalógica e malacológica, bem como artefactos relacionados com a pesca. Atendendo aos materiais, crê-se que a ocupação do local se estendeu desde finais do séc. I a. C. ao século IV da nossa era.

A inscrição que se dá a conhecer (FIG. 3) é excepcional em todo o litoral entre Sines e Sagres, onde são desconhecidas outras manifestações de epigrafia latina.

Dimensões do fragmento: 10,7 x 6,9 x 3,6 cm, espessura máx. 8 mm (área do grafito), diâmetro original estimado do prato de aprox. 17 cm.

MVSA

*Musa.*

Altura das letras (em cm): M=1,62; V=1,54; S=1,83; A=1,87.

Tenuemente gravados à mão levantada, com estilete bem aguçado, após a cozedura, os caracteres são, por isso, cursivos: no M, a segunda haste não toca na primeira; o V é muito lançado, bem aberto, com a haste da esquerda a ultrapassar o vértice; S deveras esguio, quase sem «ondulação»; A com travessão isento e oblíquo, com a haste da direita a ultrapassar o vértice; sob o grafito, são identificáveis os traços leves de esboços prévios do M, do V e do S, os três descentrados da inscrição final.

Gravado na parte mais baixa do fundo interno (em redor da pequena saliência do onfalo), destinava-se naturalmente a criar um efeito de surpresa a quem do prato se fosse servir e não nos repugna adivinhar que se trate de galanteio. Ou seja: o prato foi destinado a oferta a uma senhora ou menina e o ofertante houve por bem compará-la a uma Musa, inspiradora como seria dos seus sonhos mais poéticos e deleitoso viver.

*Musa* é antropónimo latino de que ocorrem

testemunhos na epigrafia da Hispânia romana, inclusive no *conventus Pacensis*: em Viana do Alentejo, está o altar funerário de *Musa*, de 60 anos, que lhe foi erigido por *Livia*, sua liberta (HEpOL 21 179)<sup>6</sup>; um dos ex-votos a Endovélico é feito pela saúde de *Vernacla*, escrava de *Trebia Musa* (HEpOL 22 113). Outros exemplos hispânicos: em Toledo, *Pompeia Severa* chamou de *Musa* a sua escrava (HEpOL 255); na zona de Sevilha, achou-se o epitáfio de *Claudia Mus[a]*, de 60 anos (HEpOL 3183); em Magacela (Badajoz), também um *Sabinus* quis fosse *Musa* a sua escrava (HEpOL 4536); em Astorga, a irmã de *Pompeia Epictesis* chamou-se *Pompeia Musa* (HEpOL 8469 – estaremos, aí, em ambiente de libertos, dado o *cognomen* grego *Epictesis*); em Tarragona, referem-se *Domitia Musa* e *Caecilia Musa*, igualmente em meio de libertos (HEpOL 10 022 e 10 054). Em Rubí (Barcelona), identificou-se também um grafito, em tudo semelhante ao que nos ocupa, realizado após a cozedura num vaso de *terra sigillata* sudgálica Drag. 27, datável de meados do século I; consideram os editores que se trata de «marca de proprietário», certamente por – diversamente do que sucede aqui – se encontrar no bojo; e anotam que *Musa* é nome a que deve atribuir-se uma conotação «servil», de que não são raros os testemunhos achados no Nordeste ibérico<sup>7</sup>.

Luís Coelho e Manuela Alves Dias tiveram ocasião de se debruçar sobre as ocorrências então conhecidas de nomes de Musas na epigrafia romana peninsular;<sup>8</sup> tratam

---

<sup>6</sup> HEpOL = *Hispania Epigraphica On-line*, Universidad Complutense de Madrid, acessível em: <http://eda-bea.es/>. Indica-se o número de registo desse *corpus*.

<sup>7</sup> FABRE (Georges), MAYER (Marc) et RODÁ (Isabel), *Inscriptions Romaines de Catalogne V. Suppléments aux Volumes I-IV et Instrumentum Inscriptum*, Paris, 2002, n° 20, p. 135-136, pl. XLVI (que, com a devida vênia, se reproduz – Fig. 4).

<sup>8</sup> COELHO (Luís) e DIAS (Maria Manuela Alves), «As *Musae* na *Hispania*: Mitonímia e onomástica pessoal», *Euphrosyne* XVI, 1988, 341-352.

de *Musa* nas p. 343-345 e concluem que a adopção deste «tipo de cognomes não correspondia, em prestígio social, à carga cultural que o significado do cognome músico potencialmente representaria» (p. 351) – observação que se coaduna cabalmente com o que se depreende dos exemplos ora citados.

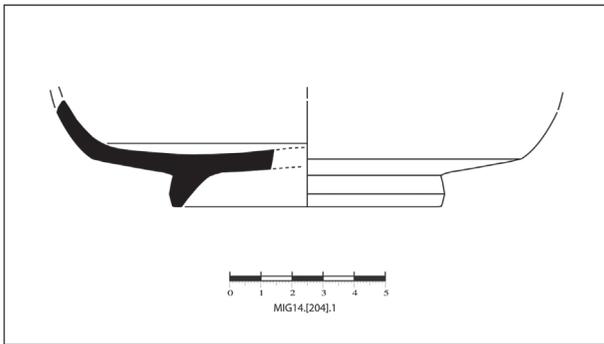
Seria escrava ou liberta a *Musa* a que esta «preciosa» taça de *terra sigillata* foi oferecida? Nunca o saberemos aqui e nem vale a pena lucubrar. Em todo o caso, continua a ser para nós mais aliciante não atentar no seu eventual estatuto, mas sim na ternura que dessa designação se desprende, independentemente do estatuto de que porventura gozava.

Um sintoma, sublinhe-se também, de nível cultural não despiciendo – e isso é que importa relevar.

JORGE VILHENA  
JOEL RODRIGUES  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



1

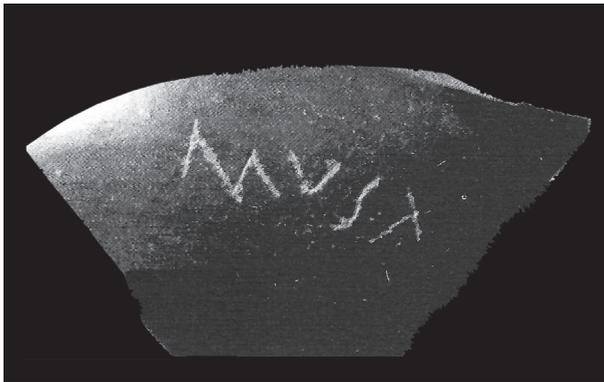


2

656



3



4

656